

1

Introdução: “A suprema relação”

“One’s supreme relation, as one had always put it, was one’s relation to one’s country.”

(Henry James, *The American Scene*)

A epígrafe acima foi retirada dos relatos da viagem de Henry James (1843-1916) aos Estados Unidos, intitulados *The American Scene*. A declaração de James de que a suprema relação de alguém é a relação com seu próprio país constitui o ponto de partida do meu trabalho. A partir dela procurarei examinar as formas pelas quais seu autor representa a cultura nacional norte-americana, entre os anos de 1904 e 1907 – anos que compreendem o período entre a primeira edição de *The Golden Bowl*, seu último romance publicado em vida, e a publicação de *The American Scene*. A declaração de James pode surpreender, à primeira vista, o leitor que conheça um pouco de sua biografia e que, portanto, saiba que, desde os anos 1870, o romancista norte-americano passou a viver na Inglaterra, onde permaneceu até sua morte; e que, em 1915, naturalizou-se inglês. Se, no entanto, este mesmo leitor for íntimo da obra de James, ao menos de sua ficção, a estranheza inicial poderá ser superada e o conhecimento da biografia do escritor contribuirá, até certo ponto, para a compreensão de sua obra.

A ficção de James é, em grande parte, marcada por aquilo a que seus comentadores costumam aludir como o “tema internacional”. Com isto fazem referência ao fato de que um grande número de suas narrativas desenvolve-se a partir de uma mesma situação: o jovem norte-americano (ou a jovem norte-americana) que viaja pela Europa e cujo senso moral, tipicamente americano, passa, por assim dizer, por um processo civilizador, ao entrar em contato com as tradições milenares, os hábitos, costumes e modos de sociabilidade do Velho Mundo. Os resultados deste processo civilizador revelam-se os mais diversos, mas é o processo o mais importante nas tramas de James, pois o processo implica tanto

o amadurecimento moral quanto o desenvolvimento da sensibilidade estética nestes jovens americanos.

O próprio James pode ser representado por esta imagem: desde muito cedo, ele é um norte-americano viajando pela Europa. Ainda criança, ele e seus irmãos deixam a casa de Washington Square, em Nova Iorque, e são levados para Europa por seu pai, o filósofo e teólogo swedenborgiano Henry James Sr., que pretendia lhes dar uma educação cosmopolita. Ainda menino, viveu na França, na Suíça e na Itália. Durante a parte final de sua adolescência e começo da idade adulta, morou em Boston com seus pais, mas voltou a viajar pela Europa, ainda como jovem adulto. Aos trinta e três anos, estabeleceu-se definitivamente na Inglaterra. A despeito de visitas ocasionais, James jamais voltaria a viver em seu país natal.

Em *The American Scene* estão compilados os relatos de uma destas visitas. Depois de mais de vinte anos afastado dos Estados Unidos, James retorna à sua pátria de origem, em agosto de 1904, apesar de sentir-se desencorajado por seu irmão, William James, e da descoberta de que a “fábula” de seu “desgosto” em relação à América difundia-se entre seus familiares, amigos e conhecidos.¹ Contradizendo tal fábula, em carta a uma amiga, James afirma que “a ideia de ver novamente a vida americana, de provar da atmosfera americana, esta é uma visão, uma possibilidade, uma impossibilidade, positivamente romântica.”² A visão, contudo, torna-se uma realidade possível, e sua suprema relação, a relação com seu torrão natal, é renovada. Esta renovação tem implicações não apenas afetivas, como também no que se refere à sua arte literária.

No prefácio a *The American Scene*, James afirma ter retornado aos Estados Unidos com o intuito representar literariamente suas impressões da vida social e das paisagens norte-americanas. E confessa sentir uma “grande vantagem” no que concerne à sua posição em relação ao objeto da representação, pois, “se tivera tempo de se tornar quase tão ‘fresco’ quanto um estrangeiro inquiridor, não o tivera, por outro lado, o suficiente para deixar de ser, ou ao menos de me sentir, como um iniciado nativo.”³ Ao longo das narrativas que compõem os relatos, James modela sua subjetividade de modo a construir para si uma perspectiva

¹ EDEL, L., *Henry James. A Life*, p. 589.

² Ibid., p. 589. “The idea of seeing American life again and tasting the Americana air, that is a vision, a possibility, an impossibility, positively romantic.”

ambivalente: a perspectiva daquele que está, a um só tempo, dentro e fora, próximo e distante, que é nativo, mas também *outsider*. O retorno aos Estados Unidos lhe proporciona não apenas a possibilidade de representar a cultura nacional norte-americana a partir de sua observação direta, no lugar (*on the spot*)⁴, como também de reavaliar sua experiência europeia, i.e., o produto do processo civilizador que constitui seu contato íntimo com a cultura europeia. Mais do que isso, as impressões representadas em *The American Scene* contêm imagens da cultura e das sociedades contemporâneas, na virada do século XIX para o século XX.

A declaração de James com que abrimos este texto permite, portanto, que o objetivo desta tese seja definido de duas maneiras distintas, mas complementares. Pretendo analisar a representação da relação entre indivíduo e sociedade, na cultura nacional norte-americana, tal como figura na obra de James, entre os anos de 1904 e 1907. E, ao fazê-lo, pretendo analisar também a representação jamesiana da relação indivíduo/sociedade na modernidade. Por modernidade pode-se entender duas temporalidades sobrepostas, às quais Henry James faz referência ao longo dos relatos. No sentido mais estrito, trata-se da modernidade *fin-de-siècle*, que se caracteriza pela emergência das grandes cidades e do estilo de vida urbano, da expansão e universalização das relações sociais e políticas fundadas nos princípios da moderna democracia e, conseqüentemente, na progressiva substituição do *ethos* aristocrático pelo *ethos* democrático, que Alexis de Tocqueville descreve em *A Democracia na América*. Em um sentido mais amplo e, por assim dizer, conceitual, a modernidade referida por James é um tempo em que o presente é apenas um breve intervalo entre o passado e o futuro; em que o futuro é substancialmente diferente do passado; e em que o transcorrer do tempo é experimentado como aceleração.⁵

Acredito, porém, que, para compreender a representação jamesiana da modernidade, mais relevante do que examinar suas definições histórico-conceituais seja investigar a relação metonímica que James estabelece entre cultura moderna e cultura norte-americana. Para tornar clara esta relação é

³ JAMES, H., *The American Scene*, p. 353. “if I had had time to become almost as ‘fresh’ as an inquiring stranger, I had not on the other hand had enough to cease to be, or at least to feel, as an initiated native.”

⁴ *Ibid.*, p. 401.

⁵ Cf. Para a transformação da experiência histórica e temporal, KOSELLECK, R., *Futuro Passado*.

necessário, antes de tudo, que se estabeleça um nexo entre a representação jamesiana da cultura norte-americana e o contexto da tradição literária norte-americana. Em *Crítica e Clínica*, Gilles Deleuze afirma que, ao mesmo tempo que a “experiência do escritor americano é inseparável da experiência americana, mesmo quando ele não fala da América”⁶, a “literatura americana tem esse poder excepcional de produzir escritores que podem contar as próprias recordações, mas como as de um povo universal composto pelos emigrantes de todos os países.”⁷ A primeira parte da afirmação poderia ser estendida a escritores de qualquer nacionalidade. Todavia, quando complementada pela segunda, ela ganha novo significado. A literatura norte-americana não é somente nacional, ela é também universal. Isso se dá porquanto a “América coleta extratos, apresenta amostras de todas as épocas, todas as terras e todas as nações. Ali, a história de amor mais simples já coloca em cena Estados, povos e tribos; a autobiografia mais pessoal é necessariamente coletiva”⁸. Deleuze atribui a universalidade da literatura norte-americana à composição fragmentária e múltipla da população e da cultura nos Estados Unidos, formadas por populações e culturas imigrantes, em diversos períodos de sua história.

Henry James, por sua vez, atribui a universalidade cultural do seu país de origem ao que ele se refere como a “ubiquidade” da democracia nos Estados Unidos. A “forma monstruosa da Democracia”⁹, que se apresenta ao visitante deste país, logo no “píer do desembarque”¹⁰, cuja sombra recobre cada milímetro de seu raio de visão, é um fenômeno norte-americano por excelência. No entanto, James observa que as relações fundadas em um *ethos* democrático tendem a se universalizar, e esta universalização está em curso, ao longo de todo o século XIX. Neste sentido, ele é extremamente tocquevilleano. Logo na introdução de *A Democracia na América*, Tocqueville afirma de um modo um tanto ou quanto categórico:

“Vi a igualdade das condições que, sem ter alcançado, como nos Estados Unidos, seus limites extremos, se aproximava cada dia mais; e essa mesma democracia, que

⁶ DELEUZE, G., *Crítica e Clínica*, p. 68.

⁷ Ibid., p. 14.

⁸ Ibid., p. 68.

⁹ JAMES, H., *The American Scene*, p. 401. “the monstrous form of Democracy”.

¹⁰ Ibid., p. 400. “on the wharf of disembarkation”.

reinava sobre as sociedades americanas, pareceu-me na Europa avançar mais rapidamente para o poder.”¹¹

Para James, sessenta anos mais tarde, o avanço da democracia e sua universalização podem ser explicados pelo fenômeno que caracteriza a própria essência do *ethos* democrático: a “vontade de crescer”¹². Este fenômeno, que impulsiona as transformações que marcam as sociedades modernas, especial e acentuadamente nas grandes cidades, produz uma ruptura com o passado, com as tradições históricas que deveriam fundamentar as formas de sociabilidade atuais. Se a “vontade de crescer” é um fenômeno universal, que atinge as sociedades em geral, ela alcança, nos Estados Unidos, seu mais alto grau, na medida em que vai ao encontro dos princípios fundadores da sociedade norte-americana. A “vontade de crescer” é alegorizada pelo próprio mito fundador da identidade nacional dos Estados Unidos, qual seja, o mito do Adão americano.

O mito, forjado no debate que envolveu os mais eminentes homens de letras norte-americanos, desde a década de 1820, tem como personagem central, como herói nacional, o indivíduo representado pelo primeiro de nossos ancestrais, segundo a etiologia judaico-cristã, antes de sua expulsão do paraíso.¹³ O Adão antes da Queda, o ser jovem, viril e inocente, movido pela “vontade de crescer”, pronto a conquistar o mundo, a submetê-lo à sua vontade, torna-se o herói épico dos poemas de Walt Whitman; a alegoria do homem de gênio, o filósofo e o artista, nos ensaios de Ralph Waldo Emerson. Emerson se refere a este personagem como “o bom e velho Adão contra todo o mundo”¹⁴. Pois sua inocência, sua ignorância do mal, o coloca em uma posição de externalidade e de superioridade em relação aos fundamentos sociais da moralidade, às regras de conduta, à codificação do comportamento. O “Adão antes da Queda” é, em sua pureza e inocência, um ser amoral e não socializado. É também um ser sem passado e sem futuro, o primeiro dos homens vivendo na estática temporalidade edênica.

O mito adâmico, como mito fundador da identidade nacional, é contado e recontado pelos escritores norte-americanos até o início do século XX. Nem

¹¹ TOCQUEVILLE, A., *A Democracia na América*, p. 7.

¹² JAMES, H., *The American Scene*, p. 400. “The will to grow”.

¹³ Cf. LEWIS, R. W. B., *The American Adam*.

¹⁴ EMERSON, R. W., *Journals*, apud., PORTE, J.; MORRIS, S. (ed.), *The Cambridge Companion to Ralph Waldo Emerson*, p. 197.

todos, contudo, narram apologeticamente as aventuras da inocência. Uma das vertentes do debate em torno do mito, da qual faz parte o pai de Henry James, é, desde meados do século XIX, profundamente crítica da inocência adâmica. Para Henry James Sr., o “Adão inocente contra todo o mundo” não passa de um ser infantilizado, imaturo ética e intelectualmente, cuja pureza indica apenas o incompleto desenvolvimento das qualidades inerentemente humanas. O amadurecimento do Adão americano está, portanto, condicionado, segundo James Sr., à perda da inocência, ao pecado original, à Queda. A Queda marca o início do processo de sociabilização do homem, sua iniciação nos valores sociais que o permite distinguir o bem e o mal, sua subsunção aos vínculos que o conectam aos outros homens, que fazem dele parte da humanidade.

James Sr. integra a longa tradição, um tanto heterodoxa em relação à ortodoxia cristã, que se constitui em torno do “paradoxo da Queda afortunada”¹⁵. Este paradoxo, enfrentado por alguns dos pais da Igreja, como São Gregório e Santo Agostinho, condicionava a encarnação de Jesus Cristo e a redenção da humanidade por sua morte e ressurreição ao pecado original. Se a desobediência de Adão, que resulta em sua expulsão do Éden, contraria a vontade divina, por outro lado, ela pode ser compreendida como parte do plano maior de Deus que, em sua onipotência, reservou para o homem um júbilo ainda mais pleno que a inocente felicidade edênica, o júbilo da redenção.

O Adão americano precisava, portanto, do ponto de vista de James Sr., ser “resgatado” (*salvaged*) de sua própria inocência para que pudesse ser salvo, i.e., para que pudesse alcançar a devida maturidade moral. Se este novo Adão, agora amadurecido e humanizado, se tornasse o novo símbolo da democracia norte-americana, esta talvez pudesse deixar de ser uma força revolucionária destrutiva para se converter em uma potência construtiva que, ao invés de aniquilar as tradições históricas nas quais se fundamenta a sociabilidade, pudesse reelaborá-las e adaptá-las às novas condições e circunstâncias sócio-históricas. No âmbito da ficção, autores como Nathaniel Hawthorne e Herman Melville narraram a história da perda da inocência do Adão americano em romances como *The Marble Faun* e *Billy Budd*, aproximando-se muito da leitura que Henry James Sr. faz do mito etiológico cristão. Donatello e Billy Budd, protagonistas, respectivamente, de cada

¹⁵ Cf. LOVEJOY, A., *Essays in the History of Ideas*, pp. 277-295.

um destes romances, são homens jovens e inocentes no início das narrativas, ao longo das quais, através da experiência do mal, passam por um processo de amadurecimento moral.

Na geração seguinte, Henry James cria sua própria versão do mito norte-americano, ao contar a história de Adam e Maggie Verver, pai e filha, dois norte-americanos viajando pela Europa, e tentando preservar da influência da civilização do Velho Mundo sua condição de edênica inocência. Ao longo do romance, Maggie Verver se revela a verdadeira heroína adâmica de James. Enquanto Adam se conserva mais ou menos o mesmo até o fim da narrativa, Maggie passa pelo processo da perda da inocência, quando é obrigada a reconhecer e experimentar a existência do mal mundano. O conhecimento do mal significa, para a personagem, o desenvolvimento da capacidade de distingui-lo do bem e de tomar decisões éticas de forma responsável, i.e, significa alcançar a maturidade moral.

Esta maturidade é acompanhada, na versão jamesiana do mito, de uma outra característica: a sensibilidade estética. Neste ponto, James introduz um elemento novo à vertente interpretativa do mito adâmico da qual faz parte ao lado de seu pai, Hawthorne e Melville. A sensibilidade estética, tomada como um valor fundamental para o pleno desenvolvimento das qualidades humanas, foi, aos olhos de James, negligenciada pela tradição literária norte-americana. No contexto desta tradição, as qualidades morais de cada indivíduo sempre ocuparam o primeiro plano. Isto talvez se deva, em grande medida, à incorporação da cultura religiosa puritana por esta tradição.

No puritanismo, a existência mundana de cada indivíduo é considerada função da glória de Deus, do qual ele se encontrava irremediavelmente apartado pela herança da mácula do pecado original. A divindade, no puritanismo, é caracterizada por uma aparente arbitrariedade e voluntarismo. A moralidade humana, neste contexto, não se funda em preceitos considerados racionais ou naturais, mas em desígnios divinos, incompreensíveis para a finita razão humana. Entretanto, em princípios do século XIX, a moralidade puritana sofrera já um longo processo de secularização e sedimentara-se no típico senso moral norte-americano. Neste processo, o voluntarismo divino é convertido no voluntarismo e no egotismo do indivíduo e em sua potência de conquista do mundo. Este indivíduo, simbolizado pela figura do clássico Adão americano, define-se

basicamente por seu senso moral, ainda que este senso moral, por se fundamentar na inocência, seja, paradoxalmente, marcado por uma certa amoralidade. Seja qual for a vertente da tradição literária americana de que tratemos – seja aquela que faz o elogio da inocência adâmica, seja aquela outra, que é crítica desta inocência –, a concepção de pessoa e o tipo de individualismo com que operam são fundados em qualidades de ordem moral.

Henry James, como escritor norte-americano, é também herdeiro da tradição puritana e do legado da literatura norte-americana. Todavia, a este legado ele combina um outro: o legado da cultura europeia, o qual fez parte de sua formação intelectual desde a mais tenra idade. Este último legado é expresso, em sua obra, sobretudo através de um nexos peculiar entre valores morais e valores estéticos e a fundamentação de ambos os conjuntos de valores em uma sociabilidade de tipo tradicional. Mona Ozouf, ao comentar a obra do jovem Henry James, afirma que o autor se divide entre “a preferência estética mostrada às paisagens modeladas pela velha civilização aristocrática e a simpatia moral atribuída aos seres formados pela jovem democracia”¹⁶. Na obra tardia de Henry James, que aqui nos concerne, estas duas esferas da subjetividade jamesiana já estão, em grande medida, conciliadas. Em seus textos do final do século XIX e do começo do XX, é estabelecido um vínculo entre o senso moral e a sensibilidade estética. Ambos os traços da subjetividade humana somente podem se desenvolver caso se conectem à experiência do mundo; caso se conectem não apenas a valores que se pretendem essenciais e de natureza abstrata, como aqueles que constituem o *ethos* democrático, mas também a valores forjados social e historicamente.

A experiência do mundo e a sociabilização do indivíduo – que, na perspectiva de Henry James, são as condições para seu amadurecimento ético e estético – são simbolizadas pelo evento bíblico da Queda. Se, para Emerson e Whitman, o grande herói da democracia norte-americana é o inocente “Adão antes da Queda”, toda a simpatia de Henry James volta-se para a figura do “Adão depois da Queda”, i.e., para o ser que, por ter experimentado o mal, pode reconhecer o bem e que, portanto, é habilitado para enfrentar uma escolha ética de

¹⁶ OZOUF, M., *La Muse Démocratique*, p. 46. “la préférence esthétique montrée aux paysages modelés par la vieille civilisation aristocratique et la sympathie morale due aux êtres formés par la jeune démocratie”.

maneira responsável e capaz de produzir juízos morais adaptados às circunstâncias reais, que lhe são apresentadas empiricamente.

O “Adão depois da Queda” simboliza também o indivíduo que, por sua experiência mundana e contato com tradições culturais historicamente determinadas, pode cultivar e refinar sua sensibilidade estética e seus juízos intelectuais. A imagem do artista e do intelectual é, para James, contrária àquela representada, por exemplo, por Emerson, que a associa à inocência do clássico Adão americano. O artista e o filósofo emersonianos são aqueles indivíduos que alicerçam a excelência de suas criações na espontaneidade e jovialidade de seu intelecto, o qual deve preservar-se da mácula e do fardo das tradições históricas, dos pensamentos e das criações de homens de gerações passadas, envelhecidos com o tempo e tornados obsoletos. O “Grande Indivíduo Democrático” deve contar apenas com suas próprias forças e com suas qualidades inatas para atuar sobre o mundo, para influenciá-lo, modificá-lo, moldá-lo. A energia individual deve estar inteiramente voltada para fora, para o exterior, para a conquista do mundo. Sua fonte, entretanto, são os valores essenciais e universais – e, portanto, plenamente objetivos – que constituem uma herança, não histórica, mas inata. Estes valores abstratos, essenciais e objetivos formam o legado do indivíduo representado pelo “Adão antes da Queda”, o clássico Adão americano, e é através deste legado que ele se torna um indivíduo singular, único entre todos os outros.

Já a alegoria do “Adão depois da Queda”, herói da versão jamesiana do mito adâmico, indica um tipo de individualismo em que a singularidade de cada um é resultado de um processo gradual de cultivo da subjetividade ao contato com elementos que são exteriores a ela, como as tradições históricas, os modos de sociabilidade e as circunstâncias que informam a existência individual. A noção de cultivo é, aqui, empregada no sentido que lhe é atribuído por Georg Simmel. Este sentido remete à ideia do desenvolvimento, do aperfeiçoamento das potencialidades e qualidades interiores do indivíduo, pela interação destas potencialidades e qualidades com elementos que lhes são exteriores e que constituem, nos termos de Simmel, a “cultura objetiva”.¹⁷ O cultivo da subjetividade, tão acanhado no indivíduo representado pelo clássico Adão americano que, conquanto pretenda se valer apenas de seus recursos interiores,

¹⁷ Cf. SIMMEL, G., *On Individuality and Social Forms*, pp. 227-234.

volta-se inteiramente para o exterior, para o mundo objetivo, torna-se uma noção fundamental para que possamos compreender a figura alegórica do Adão pós-lapsariano. Este último pode ser considerado a projeção ideal que Henry James faz do indivíduo moderno: o indivíduo que cultiva sua subjetividade por meio de suas experiências mundanas e, assim, desenvolve seu senso moral e refina sua sensibilidade estética.

Orientado por este ideal, James modela sua própria subjetividade ao forjar para si, em *The American Scene*, uma perspectiva peculiar de observação da sociedade norte-americana moderna, que é o ponto de vista ambivalente do nativo-*outsider*. Sobretudo no contexto da grande metrópole americana, Nova Iorque, ele procura transformar suas impressões da vida urbana em experiência – experiência que sirva como material para a modelagem subjetiva. Esta modelagem aponta, todavia, para a construção de um ponto de fuga, uma perspectiva que implique distância em relação ao seu objeto. Desse modo, James constrói para si o que ele chama de “situação aristocrática”. Tal situação não indica a adesão a valores e modos de vida aristocráticos; indica sim um ponto de vista em que o sujeito possa estabelecer para si uma posição vantajosa para a observação do mundo, um ponto em que se esteja “em uma melhor posição para apreciar as pessoas do que elas estão para o apreciar”¹⁸. Esta posição vantajosa é a situação do nativo-*outsider*. O epíteto “aristocrática” faz referência, neste contexto, ao fato de que, nas sociedades aristocráticas, o lugar de cada indivíduo é definido por sua posição na hierarquia social e de que, nesta, a aristocracia seria marcada por um lugar privilegiado. Nas sociedades democráticas, ao contrário, todos os lugares sociais são, a princípio e por princípio, iguais. Eu tomo, aqui, portanto, a “situação aristocrática” como metáfora para o perspectivismo da subjetividade jamesiana, perspectivismo que fundamenta a representação literária da moderna cultura democrática, nos Estados Unidos.

* * *

Tendo apresentado, em linhas gerais, os objetivos de meu trabalho, creio ser interessante enfatizar algumas das escolhas que dão forma ao seu

¹⁸ JAMES, H., *The Portrait of a Lady*, p. 242.

desenvolvimento. Em primeiro lugar, vale destacar que eu pretendo analisar a representação da cultura norte-americana na fase tardia da obra de Henry James, pois é nesta fase que as transformações sociopolíticas que implicam a substituição do *ethos* aristocrático, tradicional, pelo *ethos* democrático, moderno, se apresentam para James de maneira mais premente e se tornam temas centrais em suas narrativas. Além disso, os dois textos em que procurarei concentrar a minha análise, *The Golden Bowl* e *The American Scene* são imprescindíveis para o desenvolvimento do meu argumento. O primeiro, porque pode ser considerado a versão jamesiana do mito do Adão americano; o segundo, porquanto, nele, a representação da cultura e da sociedade norte-americanas implica a modelagem da própria subjetividade do autor e de sua relação com seu país natal.

A análise dos textos de James é desenvolvida a partir de três contextos principais. O primeiro é o da tradição judaico-cristã, a qual informa não apenas sua peculiar leitura das primeiras seções do livro do Gênesis, como também a concepção de pessoa e o tipo de individualismo com os quais opera em sua representação literária e na modelagem de sua subjetividade. Além disso, sua identidade, pessoal e nacional, deve ser compreendida no contexto das tradições religiosas puritana e anglicana. James era neto de um imigrante irlandês que se considerava um ortodoxo presbiteriano e filho de um teólogo que pregava a liberdade religiosa, cujas ideias eram profundamente influenciadas pelo pensamento de Emanuel Swedenborg e pelo simbolismo que o teólogo sueco retirava da etiologia cristã, em suas reiteradas leituras exegéticas do mito da criação. A própria cultura democrática norte-americana, que James procura representar em seus relatos e que faz parte da formação de sua personalidade, enraíza-se nas tradições protestantes dos colonizadores do litoral leste da América do Norte. Consequentemente, o senso moral que James atribui a tantos personagens, em sua obra ficcional, é um senso moral tipicamente norte-americano, em suas versões novo-inglesa e nova-iorquina.

O segundo contexto, que, em parte, se confunde com o primeiro, é aquele da tradição literária norte-americana do século XIX. Embora eu me proponha a tratar da representação jamesiana da cultura nacional americana, no começo do século XX, considero pertinente que a análise a remeta ao contexto do debate literário e intelectual do século precedente. Acredito que Henry James enfrente os problemas do século que se abre, ainda como um homem imbuído das questões,

das imagens, das formas de representação, em uma palavra, da cultura do século que se fechou. Com isso não quero atribuir a James o epíteto de reacionário ou indicar sua incapacidade de se adaptar às mudanças. Ao contrário, a adaptação me parece uma categoria indispensável para a compreensão de sua obra. O que ocorre é que James lida com as transformações do presente por meio da adaptação de questões e valores do século em que nasceu e formou sua personalidade. A sua versão particular do mito adâmico indica, sobretudo, a forma sob a qual se dá este tipo de adaptação em sua obra.

A ideia de adaptação nos leva, então, a um terceiro contexto: o da experiência de Henry James da cultura europeia, com destaque para a sociabilidade de tipo inglês. A Inglaterra, ou melhor, um idealizado “espírito inglês” é tomado como paradigma da relação entre indivíduo e sociedade. A ideia de que os ingleses são capazes de se adaptar às novas circunstâncias sócio-históricas, sem com isso precisarem recorrer a rupturas dramáticas; a ideia de que cultivam sua própria subjetividade adaptando-a tanto às tradições ancestrais quanto às exigências da vida moderna; e a ideia de que o Império Britânico exerce um papel civilizador e universalizante, apresentando-se como guardião do patrimônio da humanidade, são ideias que exercem um grande impacto na imaginação de James, despertam seu interesse e contribuem para o cultivo de sua própria subjetividade.

Estes três contextos alimentam, por assim dizer, a *Bildung* jamesiana e conduzem o desenvolvimento da análise nos três capítulos que compõem a tese. O primeiro capítulo trata da versão de Henry James do mito do Adão americano. Nele, é desenvolvida a análise de *The Golden Bowl*, à luz do debate entre as diversas vertentes interpretativas do mito cristão da criação que, no século XIX, contribuíram para a formação da identidade nacional. No segundo capítulo, procuro analisar a representação de James da cultura democrática, nos Estados Unidos, no começo do século XX, a partir da herança cultural das confissões protestantes, em especial do puritanismo, incorporada pela clássica literatura norte-americana.

Finalmente, no terceiro capítulo, busco compreender a representação de James da cultura metropolitana, no começo do século XX, e sua apropriação das imagens por meio das quais a literatura norte-americana representa a vida nas grandes cidades. A representação jamesiana do imigrante assimilado à cultura

norte-americana como o indivíduo típico da grande metrópole moderna, Nova Iorque, torna-se, então, o elemento central na análise de *The American Scene*. Como alternativa a este tipo de individualismo, James apresenta a figura do intelectual, encarnada por ele mesmo, cuja perspectiva fundamentada a um só tempo na experiência e na contemplação conduz ao cultivo da subjetividade, preservando-a da banalização e vulgarização. Desse modo, a suprema relação de James, a relação com o país e com a cidade em que nasceu, contribui para a construção, para si mesmo, de uma “situação aristocrática”.